



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1264

OS RITOS DE INICIAÇÃO AFRO-BRASILEIROS EM NINA RODRIGUES E JOÃO DO RIO (BRASIL - PRIMEIRA REPÚBLICA).

Ana Paula de Assis Souza (LERR-UEM)

Vanda Fortuna Serafim (PPH-LERR- UEM)

Resumo: A presente comunicação visa apresentar Nina Rodrigues e João do Rio. Ambos foram importantes pensadores que, ao final do século XIX e início do século XX, produziram, respectivamente em Salvador e no Rio de Janeiro, estudos sobre a cultura e religiosidade de matriz africana. Nesse sentido, o intuito desta comunicação é pensar a importância destes dois autores no que concerne ao estudo das crenças afro-brasileiras, pensando a iniciação, sobretudo, na adesão individual a uma cultura coletiva. Trata-se de evidenciar uma cultura que visava à legitimidade religiosa de um determinado grupo social por meio de suas manifestações de cunho religioso, ao qual os dois intelectuais descrevem em suas narrativas; *O animismo fetichista dos negros bahianos* (RODRIGUES, 1935) e *As religiões no Rio* (RIO, 1906).

Palavras-chave: Ritos de Iniciação; Nina Rodrigues, João do Rio.

Introdução

Este trabalho consiste em analisar as representações produzidas por Nina Rodrigues e João do Rio acerca dos ritos iniciáticos afro-brasileiros, por meio das obras *O animismo fetichista dos negros bahianos* (RODRIGUES, 1935) e *As religiões no Rio* (RIO, 1906), de autoria respectiva desses autores. O recorte histórico consiste, portanto, na Primeira República brasileira. A opção teórico-metodológica parte, principalmente, da História Cultural por meio de Michel de Certeau (1982) e Roger Chartier (2002) e dos conceitos de “lugar social” e

“representação”. Além de Emile Durkheim (1996), Mircea Eliade (2010) e Mary Douglas (1998) para pensar os ritos de iniciação.

Partindo da análise dos escritos, de um médico, Nina Rodrigues (1862-1906), que atuava em Salvador e de um jornalista, João do Rio (1881-1921), atuava na capital fluminense. Ambos interessaram-se pelas manifestações religiosas e crenças afro-brasileiras enquanto objeto de pesquisa. Produziram narrativas para compreender as representações dos ritos de iniciação, não apenas para um maior conhecimento da cultura africana, mas com o fito de entender as práticas ritualísticas e o que elas assumiram, dentro do contexto da Primeira República. Tomando como exemplos concretos da legitimidade da cultura religiosa de determinado grupo social que, por meio de manifestações religiosas, buscavam sua perpetuação enquanto herança coletiva de um povo de matriz africana.

No que concerne ao estudo das crenças afro-brasileiras, pensar a iniciação, implica, sobretudo, considerar a adesão individual a uma cultura coletiva. Sem novas iniciações, as religiões deixam de existir. Os deuses deixam de existir. Dessa maneira, pensar as narrativas produzidas por Nina Rodrigues em Salvador e por João do Rio, no Rio de Janeiro, significa atentar a importância histórica das religiões afro-brasileiras durante a Primeira República.

Para se compreender as representações produzidas, pelo médico e o jornalista sobre os ritos de iniciação narrados pelos mesmos, é preciso considerar o contexto histórico em que ambos estão inseridos. Segundo Paula Montero (2006), no início da república, o Estado brasileiro percorria um processo de modernização, por meio de um movimento de separação jurídica da Igreja Católica, o que acabou abrindo espaço para que outras denominações religiosas buscassem espaço na esfera pública.

[...] No processo de constituição do nosso Estado moderno como esfera política própria, ao passo que houve um retraimento do catolicismo para o espaço social, produziu-se um intenso conflito em torno da autonomia de certas manifestações culturais de matriz não - cristã, ou da sua legitimidade para expressar-se publicamente. Assim, no processo mesmo de constituição do Estado brasileiro como esfera separada da Igreja Católica, manifestações variadas de “feitiçaria”, “curandeirismo” e “batuques” só puderam ser descriminalizadas quando, em nome do direito à liberdade de culto, passaram a se constituir institucionalmente como religiões. (MONTERO, 2006, p.49)

Paula Montero (2006) salienta ainda, que para a compreensão da ordem social moderna era necessário à distinção entre a esfera pública do Estado e a esfera privada da sociedade, o que permitiu a religião sua autonomia pública civil em relação ao Estado. Diante deste contexto de enquadramento do que poderia ser entendido por “magia” e o que poderia ser reconhecido por “religião”, surgiram dois intelectuais que, de acordo com Serafim, “se propuseram a pensar as crenças religiosas africanas, estabelecendo discursos pioneiros, além de categorias para pensar e denominar tais manifestações” (2014, p. 174). São eles: Nina Rodrigues e João do Rio.

Raimundo Nina Rodrigues nasceu em 4 de Dezembro de 1862 em Vila do Manga, atualmente sede do Município de Vargem Grande no Maranhão, faleceu em 17 de julho de 1906, aos 43 anos, em Paris. Filho do Coronel Francisco Solano Rodrigues e Luiza Rosa Nina Rodrigues, sendo ele dono do Engenho São Roque, plantador de algodão, cana de açúcar e criador de gado na região. E ela mãe de mais seis filhos, seria descendente de uma família sefardim que veio para o Brasil fugindo da perseguição aos judeus na Península Ibérica. (CORRÊA, 2001)

A formação de Nina Rodrigues tem muito da origem familiar e seus descendentes. Coursou Medicina na Bahia até o quarto ano, iniciado em 1882, os outros dois transferiu-se para a Faculdade do Rio de Janeiro onde se formou em 1887. Nina Rodrigues após sua defesa da tese de doutorado com o tema *Das Amiotrofias de Origem Periférica* clinicou em São Luís do Maranhão e escreveu vários artigos sobre a higiene pública da população maranhense. Sua carreira foi sendo direcionada para a academia da Faculdade como professor à medida que começaram as publicações na Gazeta Médica da Bahia a cerca da lepra e do quadro classificatório das raças no Brasil. Em 1889 prestou concurso para a Faculdade de Medicina da Bahia no qual se tornou adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica. Casou-se com Maricas, filha do Conselheiro José Luiz de Almeida Couto e teve uma filha chamada Alice, falecida logo após o pai. (CORRÊA, 2001)

Nina Rodrigues também se debruçou durante cinco anos aos estudos sobre a forma e a natureza do sentimento religioso dos negros baianos, como destacou Serafim (2013), sendo ele o primeiro a realizar estudos sobre as religiões, cultos e as práticas mágicas dos negros da Bahia, mais especificamente o *candomblé* do

Yorubano e o seu processo de iniciação. A autora afirmou ainda que para pensar Nina Rodrigues é preciso ir além da medicina e da ciência, embora também não possamos abrir mão delas, ou seja, é necessário compreender em sua narrativa a presença de outras áreas do saber como; a sociologia, antropologia e a história.

Se quisermos compreender um pouco mais como Nina Rodrigues elabora um conhecimento científico sobre o estudo das religiões africanas no Brasil, é preciso considerar o olhar sociológico e antropológico do médico. É claro que ele não foi um sociólogo nos termos dessa profissão. No entanto, acreditamos que a maior contribuição de suas obras *O animismo fetichista dos negros bahianos* e *Os africanos no Brasil*, para pensarmos as religiões africanas, surge quando as encaramos como ensaios sociológicos e não médicos. (SERAFIM, 2013, p. 41)

Assim sendo, tornam-se relevantes os escritos de Nina Rodrigues para pensarmos a cultura religiosa e suas formas de manifestações, principalmente os rituais de iniciação. Por sua vez, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, mais conhecido por João do Rio, nasceu no Rio de Janeiro em agosto 1881, foi jornalista investigativo e cronista de formação positivista. João do Rio começou no jornalismo aos 16 anos, sofreu influências literárias de Oscar Wilde, Eça de Queiroz e Charles Baudelaire. Aos 18 chegou à redação do jornal Cidade do Rio. Era um grande escritor com grande produtividade entre 1900 e 1903. Foi no Jornal da Gazeta de Notícias que nasceu em novembro de 1903 o João do Rio seu pseudônimo mais famoso, assinando um artigo “O Brasil Lê”, uma enquete sobre as preferências literárias do leitor carioca. Sua figura era de mulato claro pertencente à alta cultura, ele não estabelecia nenhum vínculo de identidade com os negros ou mulatos da classe baixa. Morreu em 23 de junho de 1921 de enfarte fulminante, deixando uma de suas maiores obras *As Religiões no Rio*, uma análise de cunho sociológico e antropológico sobre as manifestações e rituais religiosos no Rio de Janeiro do Século XIX.

Mais importantes, no entanto, são as cinco matérias pioneiras sobre os cultos afro-brasileiros. Digo pioneiras porque os estudos do professor Raimundo Nina Rodrigues, feitos na Bahia, tinham circulação restrita e só foram publicados quase trinta anos depois de seu falecimento em 1906, no volume *Os africanos no Brasil*. É interessante assinalar que tanto Rodrigues quanto João do Rio afirmam a importância cultural dos negros do Golfo da Guiné (iorubas e outros das atuais repúblicas da Nigéria, Benin e Togo), quando todos os cronistas anteriores só se referiam aos oriundos de Angola e do Congo, majoritários no ambiente rural. As religiões no Rio, portanto,

apresentou para o grande público as primeiras descrições da iniciação de uma iaô, festa do egungun, a hierarquia sacerdotal do candomblé, o malês (muçulmanos negros) e mesmo o panteão dos orixás. (RODRIGUES, 2012, p. 9-10)

Convém destacar que o interesse em trabalhar com Nina Rodrigues e João do Rio, é resultado de buscar compreender mais a fundo a cultura africana no Brasil, em especial suas crenças religiosas. Ao participar dos grupos de estudos e das pesquisas desenvolvidas junto ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades do DHI/UEM, além dos encontros do GT História das Religiões e das religiosidades (ANPUH), e principalmente do projeto de pesquisa docente “Ciência, Ideias e Crenças: história e cultura afro-brasileira por meio de seus intelectuais”, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Vanda Serafim, foi possível perceber que os estudos sobre Nina Rodrigues e João do Rio, fontes em potencial para pensar as crenças afro-brasileiras, são ainda bastante escassos. Há apenas um artigo científico que se propôs a comparar os dois autores, de autoria de Vanda Serafim, intitulado “Crenças e Religiosidades Afro-Brasileiras: Uma Análise Comparativa dos escritos de Nina Rodrigues e João do Rio”.

As referências apresentadas até aqui objetivaram situar Nina Rodrigues e João Rio, enquanto intelectuais brasileiros que se propuseram a pensar as crenças religiosas africanas, estabelecendo discursos pioneiros, além de categorias para pensar e denominar tais manifestações. É interessante que, apesar das indicações de similaridades entre o trabalho dos dois, não tenhamos nenhum pesquisador que tenha se detido em comparar estas duas obras de modo mais profundo, uma vez que se constituem enquanto marcos inicial sobre o estudo das religiões no Brasil. Nossa proposta consiste, portanto, em apresentar algumas reflexões constatadas sobre o olhar de Nina Rodrigues e João do Rio, ao comparar o discurso elaborado por eles ao atentarem para as crenças religiosas afro-brasileiras por meio de *O animismo fetichista dos negros bahianos* e *As religiões do Rio*. (SERAFIM, 2014, 174-175).

A fala da autora legitima a relevância e autenticidade de nossa proposta de pesquisa. Serafim (2014) colabora salientando que “ambos são responsáveis por fornecer vasta coletânea de informações e dados a respeito do universo cultural das comunidades negras no Brasil” e partindo deste pressuposto que esta proposta de pesquisa se torna ainda mais notória dentro dos *ritos de iniciação* demonstrada no discurso de Nina Rodrigues e João do Rio.

Abaixo apresentaremos alguns excertos de como os rituais de iniciação são referendados por Nina Rodrigues. Importante ressaltar que ele presenciou os ritos que descreve: “a descrição exacta de uma iniciação a que assisti há pouco tempo, servirá de exemplo destas práticas fetichistas na Bahia” (RODRIGUES, 1935. p.76). Rodrigues explicou que a festa de cerimônia da iniciação varia de 16 dias a um ou mais meses, pois a filha de santo não pode sair do terreiro. Desta forma, dividimos o ritual de iniciação em momentos distintos para melhor apreciação. (RODRIGUES, 1935)

Olympia, a inicianda, havia encontrado uma pequena pedra de fôrma estranha, um pouco alongada, e, tendo uma das extremidades dois fetiche, foi consultar Livaldina que lhe disse ser Osun e que a mãe de terreiro Thecla seria a sua mãe de santo. Preparada Olympia e marcado o dia da iniciação, veio a esta cidade (porque a iniciação devia ter lugar fora), a fim de convidar para a festa um pai de terreiro que aqui reside no Kabula e é particular amigo de seu pai, que por seu turno também é pai de terreiro. Foram convidados ainda outros pais e mãis de terreiro, entre elles a mãe Thecla, velha africana actogenaria, que para comparecer não duvidou fazer uma viagem a pé de quase três léguas. Achavam-se assim reunidos cinco mãis e os outros dois pais de terreiro, dos quaes três Africanos e os outros creoulos, mas todos filhos de Africanos (RODRIGUES, 1935, p.76).

Nina Rodrigues trouxe ainda descrições de outros preparativos, como sacrifícios de animais e epilação.

Já anteriormente Thecla tinha feito a lavagem e preparado o fetiche, e a elle forma sacrificados os animaes, um carneiro, uma cabra, duas galinhas e pombos. Destes animaes, alguns são sacrificados no recinto do santuário, caindo o sangue sobre os fetiches. Depois são removidos para fora afim de serem preparados. Em seguida, já ás 10 horas da noite, teve lugar a cerimonia da epilação. A cabeça de Olympia foi rigorosamente raspada á navalha, processo que demandou muito tempo (RODRIGUES, 1935, p. 78).

Raspada assim a cabeça, é ella vigorosa e demoradamente lavada com uma infusão especial de plantas sagradas, processo que se acompanha de gestos e palavras cabalísticas e por cuja virtude se há de dar a possessão, ou manifestação do santo. Com giz ou uma pasta branca, fazem nas faces da iniciada traços em tudo semelhantes pela situação, fôrma e número aos gilvazes que os africanos trazem no rosto como distinctivos ethnicos, sociaes ou religiosos (RODRIGUES, 1935, p. 79).

Os ritos de iniciação mereceram também a atenção de João do Rio, como demonstram alguns excertos a seguir: “Fazer santo é colocar-se o patrocínio de um fetiche qualquer, é ser baptisado por elle, e por espontanea vontade delle” (RIO,

1906, p. 14), explicava o jornalista. E afirmava ainda que, “Para que uma mulher saiba a vinda do santo, basta encontrar na rua um fetiche qualquer, pedra, pedaço de ferro ou concha do mar” (RIO, 1906, p. 14). Assim como Nina Rodrigues, João do Rio também relatou que o rito de iniciação demorava em torno de 16 dias, tempo necessário para o santo se revelar e contava com danças, cantos, rezas, comidas e bebidas em comemoração a chegada do santo.

João do Rio foi convidado por Antonio, seu informante, para assistir um ritual de iniciação de uma *Yauô*, que seriam nas palavras do jornalista ‘demoníacas’ e ‘delirantes’.

Antes de entrar a para camarinha, a mulher, predisposta pela fixidez da atenção a todas as sugestões, presta juramento de guardar o segredo do que viu, toma um banho purificador e á meia-noite começa a cerimônia. A *Yauô* senta-se numa cadeira vestida de branco. Todos em derredor entoam a primeira cantiga a *Echú*. *Echú tiriri, lô-nambará ô bêbê Tiririlo-nam Echú tiriri*. O *babaloxá* pergunta ao santo onde deve ir o cabelo que vai cortar á futura filha, e, depois de ardente meditação, indica com aparato a ordem divina [...] (RIO, 1906, p. 17).

As rezas começam então; o pai de santo a cabeça da *Yauô* com uma composição de ervas e com afiadíssima navalha faz-lhe uma corôa, enquanto a roda canta triste [...] (RIO, 1906, p. 17). *Babaloxá* lava-lhe ainda a cabeça com sangue dos animaes esfaqueados pelos ogans, e as *Yauô* antigas levam-na a mudar a roupa, enquanto se preparam com ervas os cabelos do alguidar [...] (RIO, 1906, p.18).

Nina Rodrigues e João do Rio forneceram cada um a sua maneira, descrições sobre as crenças religiosas afro-brasileiras. O primeiro, além de considerado fundador da antropologia e da medicina legal brasileira e o primeiro a desenvolver pesquisas científicas sobre a presença da África no Brasil. Com relação ao seu tempo, podemos acrescentar no momento histórico o contexto do século XIX, carregado de ideias movidas por faculdades, artistas, culturas, literaturas, ciências, botânicas, advindas de filosofias, conceitos ora positivistas, ora liberais, com o objetivo de organização, controle das relações e estruturas sociais. Um Brasil República cuja identidade foi incorporada no processo, cuja nação construiu uma memória de maneira a garantir diferenças, resgatar singularidades, ou seja, um modelo mais inclusivo e mestiçado, uma sociedade marcada pelo hibridismo populacional.

O resultado é esse mundo da mistura nas cores, nas comidas, nos sabores, nos hábitos e na religião católica que tendeu a se adocicar e amalgamar. Nessa sociedade marcada pelo preconceito de cor, mais do que de origem ou raça- em que se troca de cor como se troca de meia, em que a posição social ou a fama embranquecem (sendo o oposto também verdadeiro) e onde se inventam mais de 130 termos para descrever a cor-, a tonalidade virou um critério social e hierárquico tão operante como silenciado. No chamado país da “democracia racial”, os preconceitos transformam-se em matéria do “outro”, da mais pura alteridade, onde ninguém discrimina apesar de conhecer e nomear muitos que assim o façam (SCHWARCZ, 2011, p. 16).

Diante do exposto, o cenário de Brasil República e a tendência a compreender as religiões africanas e sua legitimidade cultural, Nina Rodrigues abordou e elencou genuinamente através de suas Obras *O animismo Fetichista dos negros bahianos* o sentimento religioso, crenças, rituais, cultos, manifestações que os povos africanos.

Sobre *As religiões no Rio*, Sevcenko (1995) explica que a característica da obra está no uso da profundidade histórica e científica, pontuando um estudo sobre as práticas religiosas, utilizando-se de um instrumento literário para levantar os mistérios das crenças, cultos reveladores de novos ritos no tocante o *candomblé*, pois não há meio tão interessante, na cidade do Rio de Janeiro. Tratasse da construção por meio de narrativa que contribuiu para os estudos Antropológicos, Sociológicos e Históricos voltadas ainda para se adentrar a esfera da religião Católica dita como referência e o processo de manifestação de diferentes experiências religiosas presentes até hoje. Sevcenko (1995, p. 20) acrescenta em seus estudos literários quando afirma que “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os temas motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos pela sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam”. Por meio da literatura, João do Rio manifesta a problemática entre as classes sociais, oferecendo um mapeamento das crenças como fator preponderante para as reflexões de cunho social.

No Brasil República no que diz respeito à cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, a sociedade estava em transformação social, cultural, política, econômica e educacional. O tema das práticas religiosas se tornava ainda mais intrigante, pois devido o aumento da quantidade da população, etnias, religiões, culturas a serem exploradas, doenças que começaram a assolar, classes sociais se transformando,

diferenças e desigualdades eram sinônimas de poder, visíveis em forma de moradias, roupas, calçados, conhecimento científico e cotidiano social.

Os cientistas da Higiene formularam políticas públicas voltadas para a promoção de melhorias nas condições de salubridade vigentes na Corte e no País em geral. Naturalmente, escolheram priorizar algumas doenças em detrimento de outras. A febre amarela, flagelo dos imigrantes que, esperava-se, ocupariam o lugar dos negros nas lavouras do Sudeste cafeeiro, tornou-se o centro dos esforços de médicos e autoridades. Enquanto isso, os doutores praticamente ignoravam, por exemplo, uma doença como a tuberculose, que eles próprios consideravam especialmente grave entre a população negra do Rio (CHALHOUB, 1996, p. 8).

A fim de minimizar este contexto insalubre e instaurar a manutenção da ordem, esperava-se que com o quadro de miscigenação promovida pelo controle demográfico na imigração europeia embranquecesse a população e eliminasse gradualmente a herança africana da sociedade brasileira (CHALHOUB, 1996). Toda essa medida de prevenção e controle estava presente em uma sociedade que acabara de sair de um sistema baseado na economia escrava, sobrando empregos com baixos salários e aumentando as ociosidades entre os negros. Uma atitude condenada pela sociedade da Primeira República que exigia uma sociedade civilizada, longe de *feitiços, magias e bruxarias*, que contribuíam para a vulgarização e ociosidade dos negros. É a partir deste contexto que a obra de João do Rio, *As religiões no Rio*, toma forma e ganha espaço para notoriedade entre seus pares.

Por fim, a proposta desta pesquisa consiste em compreender as representações de Nina Rodrigues e João do Rio acerca dos ritos iniciáticos afro-brasileiros, no Brasil da Primeira República, buscando analisar, por meio de Nina Rodrigues e João do Rio, as convergências e divergências das festas de iniciação em Salvador e Rio de Janeiro e; investigar em que medida a dança, a música, o transe são operacionados por Nina Rodrigues e João do Rio para descreverem os ritos de iniciação.

Optou-se por realizá-la pelo viés da “História, Cultura e Narrativas” por entender que a História Cultural permite compreender as representações de Nina Rodrigues e João do Rio acerca dos ritos iniciáticos afro-brasileiros, no Brasil da Primeira República, como percebe-se na seguinte afirmação de Michel de Certeau de que “a ‘cultura popular’ supõe uma ação não confessada. Foi preciso que ela

fosse censurada para ser estudada” (CERTEAU, 2012, p.55). Foi necessário que as crenças afro-brasileiras fossem censuradas pelo Código Penal de 1890 e desqualificadas enquanto práticas religiosas, para que Nina Rodrigues e João do Rio produzissem narrativas sobre a cultura africana no Brasil, suas crenças religiosas em especial. Sendo assim, os escritos destes autores permitem conhecer a historicidade de objetos, como os ritos de iniciação, que de outra forma, se não pelo discurso médico e jornalista, não teriam sobrevivido por outros suportes documentais.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.
- CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e antropologia no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed . Fiocruz, 2013.
- DOUGLAS, M. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**; tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil: Revista **Novos Estudos**. São Paulo: Cebrap, n.74, p. 47-65, 2006.
- RODRIGUES, R. N. **O animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Apresentação João Carlos Rodrigues. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- ROMANO, Ruggiero. Rito. In: **Enciclopedia Einaudi**. Ruggiero Romano (org). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994. Pp. 325-359.
- SCHWARCZ, L.M. **História do Brasil nação: 1808-2010 crise colonial e independência 1808-1830**, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2011.

SCHWARCZ, L.M. **História do Brasil nação: 1808-2010 a construção nacional 1830- 1889**, v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2011.

SERAFIM, V. **Revisitando Nina Rodrigues: um estudo sobre as religiões afro-brasileiras e o conhecimento científico no século XIX**. Maringá: Eduem, 2013

SERAFIM, Vanda Fortuna. **Crenças e Religiosidades Afro-Brasileiras: Uma Análise Comparativa dos escritos de Nina Rodrigues e João do Rio**. Rhc-Revista de História Comparada, Ano 2014, v. 8, n. 2. Disponível em:<http://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/1837/1676>
Acesso em 11/05/2015

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Fontes escritas:

RIO, J. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro- Ed. 1904.

RODRIGUES, R. N. **O animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1935.